

# ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO MUNDO, NA AMÉRICA LATINA E BRASIL: RUPTURAS, PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS

*Diele Ilha Thomasi<sup>1</sup>, Saul Eduardo Seiguer Milder<sup>2</sup>*

<sup>1-2</sup> Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas LEPA-UFSM, Floriano Peixoto 1184, centro 97015-372 Santa Maria - RS

<sup>1</sup>dithomasi@yahoo.com.br, <sup>2</sup>milderbr@yahoo.com.br.

**Resumo-** este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida em razão do projeto: Metais da Estância Velha do Jarau-Quaraí-RS: Uma Análise do Cotidiano de uma Estância na Fronteira Brasil-Uruguaí no século XIX através da Arqueologia Histórica que está em fase de desenvolvimento e será apresentado no curso Pós Graduação em Arqueologia/URI-IPHAN. Consiste em uma explanação sobre a Arqueologia Histórica enquanto ciência e prática da arqueologia, além de fazer um breve resumo do que se tem produzido dentro desta área e quais as possibilidades desta ciência continuar crescendo no Brasil, ou seja, quais as possibilidades e as limitações da Arqueologia Histórica Brasileira, objetivando assim uma visão mais ampla sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Arqueologia histórica, pesquisa bibliográfica.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

## Introdução

No momento do advento do projeto Metais da Estância Velha do Jarau-Quaraí-RS: Uma Análise do Cotidiano de uma Estância na Fronteira Brasil-Uruguaí no século XIX através da Arqueologia Histórica viu-se a necessidade do estudo da arqueologia histórica enquanto disciplina e ciência, a forma como se desenvolveu e seus desdobramentos atuais, tanto no Brasil quanto no mundo.

No intuito de se promover uma maior discussão sobre o tema entre os arqueólogos históricos este trabalho está sendo publicado buscando críticas e sugestões do meio acadêmico, também devido ao seu caráter preliminar não serão apresentadas conclusões finais e sim considerações a respeito do tema.

## Materiais e Métodos

Para esta pesquisa de análise bibliográfica foram escolhidos textos dos mais diversos estilos, inclusive textos de internet, de arqueólogos brasileiros e estrangeiros, que escrevem sobre a arqueologia latino-americana e brasileira.

São textos com uma relativa facilidade de acesso, se apresentam quase todos em revistas e sites especializados, mas de razoável circulação acadêmica e até mesmo leiga.

## Resultados

Pode-se entender Arqueologia Histórica, em um sentido tradicional, mas que, todavia ainda está sendo utilizado, como arqueologia dos povos com escrita, dessa forma, a arqueologia pré -

histórica é a arqueologia dos povos ágrafos, ou seja, sem escrita, entretanto, essa conceituação, segundo Marcos Albuquerque (1993) é uma “deficiência terminológica”, pois subentende que a pré-história, devido ao prefixo pré, indicaria uma negação da história dos povos ágrafos. Para o Arqueólogo Charles Orser Jr., Arqueologia Histórica é estudo da materialidade em termos culturais dos efeitos do mercantilismo.

Entretanto, sabemos que conceitos, para arqueologia em geral, são bastante discutíveis, sendo que não podem ser aplicados de maneira generalizada.

A Arqueologia Histórica possui um caráter ambíguo, os pressupostos teóricos, são comuns a todas as “diversas arqueologias”, porém, a Arqueologia Histórica, segundo Tânia Andrade Lima possui especificidades, por exemplo, a possibilidade do trabalho com documentos escritos, em decorrência destas características, sua conceituação é bastante complicada e complexa, para Pedro Paulo Funari deve-se reconhecer as particularidades do estudo das sociedades com escrita e com documentos, examinando os papéis históricos e singulares que escrita possui na comunicação, representação e na própria construção discursiva da disciplina Arqueologia.

Na Europa, a Arqueologia Pós-Medieval, que corresponderia a Arqueologia Histórica é considera uma continuação, faz parte de um processo contínuo da história européia, entretanto, possuem contextos diferentes, o que ajuda a definir uma diferenciação entre elas, Charles Orser Jr.: fala-nos que os próprios arqueólogos e pesquisadores são os descendentes dos sujeitos pesquisados através da cultura material.

A Arqueologia Histórica na América não possui estas características, pelo contrário, as populações autóctones, de modo geral, ou foram dizimadas, ou aculturadas pelo processo colonizador, e essa aculturação, é um dos motivos pelos quais, apesar de que em um primeiro olhar seja possível, é discutível determinar pré-história e história na América, pois a presença europeia mais antiga na América é difícil precisar, pois os relatos são raros e esses primeiros exploradores deixam poucos traços de sua presença, além disso, a presença de peças europeias dentro da cultura material indígena, que poderia tanto indicar contato entre esses indígenas e europeus, como também pode ser uma peça que chegou até esta tribo pelas mãos qualquer outro indígena, enfim, as possibilidades são inúmeras, também contribui para essa imprecisão de períodos estabelecidos na arqueologia da América, como fala o arqueólogo Charles Orser Jr., o início de um período só pode ser estabelecido a nível regional, e de maneira imprecisa.

No modelo Norte-Americano, a Arqueologia Histórica seria a arqueologia do Capitalismo, das relações estabelecidas entre as pessoas após o advento do Mercantilismo nas Américas, entretanto, a formação histórica latino-americana é muito diversa da formação norte americana, que apresentou valores e características burguesas na sua formação, a América do sul, incluindo o Brasil, possui uma formação menos aristocrática. O arqueólogo Marcos Albuquerque nos mostra que os sujeitos fragmentados a história brasileira são muito ambivalentes, é uma sociedade longe da aristocracia e nem um pouco burguesa, mesmo com a utilização de uma cultura material dita mais refinada.

A arqueologia histórica no Brasil e na América Latina possui, dessa forma, essas especificidades, esses agentes históricos ambíguos, personagens possuidores de identidades muito fragmentadas e volúveis, aonde seus papéis na construção histórica do Brasil e da América Latina transitaram dentro das diversas esferas compositoras da sociedade latino-americana, e, portanto, na tentativa de alcançar essas pessoas, a arqueologia histórica na América Latina necessita ser também específica, ou adaptando-se as condições presentes nos sítios, e fazendo-se uma “regionalização” dos pressupostos já existentes, ou construindo novas formas, métodos, teorias, enfim, que seriam adequados à situação que se apresenta à frente dos arqueólogos-historiadores da América - Latina.

A arqueologia histórica, enquanto ciência, é relativamente jovem no Brasil, na primeira década dos anos 30, têm-se registros de uma primeira pesquisa que pode ser considerada arqueológica, ocorrida no interior do sertão baiano,

entretanto, não foram produzidos artigos científicos.

Será apenas no início da década de 60 que a arqueologia histórica ganhará um respaldo mais científico, através do trabalho de arqueólogos pré-historiadores e da lei nº 3.924, entrando em uma fase de desenvolvimento, entretanto, como afirma o arqueólogo Pedro Paulo Funari.

No Brasil, a arqueologia histórica foi importada dos Estados Unidos, ainda durante a ditadura militar, e seguiu, nos seus primeiros passos, os caminhos trilhados na origem, com sua preocupação com os vestígios dos grandes monumentos dos colonizadores, como em nosso caso, as fortificações. E a arqueologia histórica brasileira, influenciada por essa arqueologia histórica norte-americana estava fortemente atrelada à ideologia vigente, e buscava, dentro de uma visão bem elitista, a cultura material das elites coloniais. Para Tânia Andrade Lima esta arqueologia estava comprometida com os trabalhos de restauração de monumentos, em geral empreendidos pelos órgãos encarregados da preservação do patrimônio histórico e cultural da nação. Ou seja, a atividade de restauro dos grandes monumentos, acabava ou ainda acaba por tornar o trabalho do arqueólogo historiador uma simples técnica, uma ciência auxiliar da história e da arquitetura, tornando o arqueólogo historiador o que Tânia Andrade Lima chamou de “arqueógrafo”.

Inseridas no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), iniciam-se, as investigações no Rio Grande do Sul, ainda na década de 60, nas missões jesuíticas, criando a primeira fase cultural histórica do estado, a chamada “fase missões”. Nos anos 70, surge em decorrência dos trabalhos nas missões, o estudo dos contatos interétnicos resultantes da colonização e como isso vai se refletir na cultura material, Concomitantemente, no Nordeste brasileiro, começa-se a investigar as fortificações e as igrejas coloniais de Pernambuco, nos anos 80, essa chamada “arqueologia de contato” vai se apresentar de uma forma muito mais desenvolvida, principalmente no sul do país.

Com o restabelecimento das liberdades civis, com o fim da ditadura em 1985, a arqueologia histórica, assim todas as áreas do conhecimento, passam a ter a possibilidade de acrescentar em si um caráter mais social e crítico.

Em outubro de 1985, o então Núcleo de Arqueologia da Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró - memória (SPHAN/FNpM) organizou, no Rio de Janeiro, o primeiro Seminário de Arqueologia Histórica do país, este evento, mostrou o caráter pulverizado que a arqueologia histórica possuía, a produção resumia-se a estudos vinculados aos patrimônios arquitetônicos do nordeste e a

arqueologia histórica missioneira e de contato no sul do país. Os demais trabalhos estavam isolados em si mesmos.

Além disso, grande e expressiva parte dos trabalhos apresentava problemas de inadequações metodológicas e técnicas, as soluções eram improvisações surgidas a partir da tentativa e erro. Em decorrência destas deficiências, cientistas presentes no seminário, conscientes destas faltas, buscaram um maior entrosamento entre os pesquisadores, tentando dessa forma tornar a arqueologia histórica mais coesa, e, por conseguinte, com o rigor científico e metodológico maior, dessa forma, a arqueologia histórica, que até então era tratada ou com desprezo ou com um sentimento paternalista pela própria arqueologia em geral, passou, a ser mais respeitada enquanto ciência, por exemplo, a partir 1987, começou a ser recebida nas reuniões da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), com vários espaços para apresentação de trabalhos.

A arqueologia histórica, mesmo ainda fortemente atrelada aos monumentos, começou a se abrir para novas perspectivas mais científica e socialmente comprometidas.

## Discussão

A arqueologia histórica brasileira tem passado por um momento de profundas mudanças, é o momento de submeter os trabalhos a uma profunda crítica. Por essa idéia, a arqueologia histórica está adquirindo um caráter bem mais científico, com os arqueólogos historiadores buscando revisar seus trabalhos.

Albuquerque vê na Teoria Geral dos Sistemas, apesar das dificuldades, o futuro da arqueologia, não só da histórica, mas da ciência em geral.

Esta é mais uma das diversas possibilidades da arqueologia histórica na atualidade. Outros arqueólogos também já pensaram novas possibilidades para a arqueologia histórica. Para Pedro Paulo Funari, “tem se propugnado que a Arqueologia Histórica abranja seja o estudo do mundo moderno, seja de todas as sociedades com escrita”, ou seja, uma arqueologia histórica mundial, sem dicotomias como moderno/ antigo, capitalistas/ não capitalistas, sendo dessa forma, possível evitar que sítios indígenas não sejam objeto de pesquisa da arqueologia histórica, por mais que sejam contemporâneos aos sítios históricos, pois, o capitalismo mesmo não consegue uniformizar a cultura material, todavia, respeitando as particularidades de cada contexto.

Duas “novas arqueologias” tem se mostrado em evidência na arqueologia histórica, a chamada arqueologia social e a arqueologia pós-processual. A primeira seria uma arqueologia que

trata das relações sociais dos indivíduos. Nessa arqueologia, os arqueólogos sociais encaram a cultura material não apenas como uma mostra dos processos culturais, mas também como fonte de informação sobre as relações sociais daqueles que as produziram ou utilizaram.

A produção, para estes arqueólogos, não é apenas a manufatura de objetos físicos, (aspectos tecnológicos) mas também a produção de poder (aspectos ideológicos).

Exemplos da atuação da arqueologia social podem ser vistos nos trabalhos de arqueologia histórica da escravidão, aonde existe um sistema de segregação que separava negros escravos e brancos. Os trabalhos do arqueólogo Charles Orser nas plantações do sul dos Estados Unidos são exemplos de arqueologia histórica da escravidão.

A segunda, chamada de Arqueologia pós-processual ou contextual, ultrapassa todas as abordagens anteriores, passa a encarar os indivíduos como negociadores ativos das regras sociais. Para Orser (2000) “*los elementos esenciales de la arqueología posprocessual incorporam los conceptos de accion, sentido, contexto e historia*”, ou seja, consideram o contexto cultural e histórico de cada sítio.

Os processos cognitivos, a relativização do pensamento dos agentes históricos, a lingüística, e principalmente, a vinculação entre passado e presente são características marcantes dessa “nova arqueologia”, que surgiu recentemente e tem se apresentado como mais uma perspectiva de utilização da informação arqueológica.

## Conclusão

Este é o momento em que a arqueologia histórica realiza sua exegese, diversos trabalhos estão sendo reavaliados pelos arqueólogos que os produziram, além disso, vários sítios arqueológicos que até então não eram de interesse da arqueologia histórica até as últimas décadas, passaram a ser tomados como objetos de pesquisas sérias e cientificamente comprometidas, locais como, quilombos, simples unidades domésticas, bicos urbanos, quintais, cortiços, caminhos, pequenos povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados materiais, entre outros.

Para Pedro Paulo Funari<sup>2</sup> (2005):

A arqueologia histórica tem crescido muito, em especial naquilo que pode oferecer de mais original, no estudo tanto das particularidades da cultura material brasileira, como ao agenciar pontos de vista próprios. Ao estarmos na encruzilhada de influências, podemos muitas vezes, propor interpretações originais e inovadoras(...) As perspectivas para seu

desenvolvimento são, portanto, as melhores e as novas gerações de estudiosos estão a demonstrar a sua vitalidade. A diversidade de abordagens e sua inserção na ciência mundial atestam seu amadurecimento.

Frente a todas estas possibilidades que se apresentam aos arqueólogos historiadores, este trabalho busca inserir-se nestas novas perspectivas, trazendo a tona os agentes formadores do contexto em que o sítio RSQ17-Estância Velha do Jarau (inserir no trabalho) se situa, sem, todavia, negar a herança da história da arqueologia histórica, que nos brinda com valiosos dados e descrições detalhadas, e é valendo-se disso, acrescido de uma análise crítica e interpretativa que objetivamos a construção deste trabalho.

### Referências

- ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: SAB. 1993.
- FUNARI, P. P. A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. **Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 6, n. 2**, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu, **Arqueologia**. São Paulo, Ática, 1991.
- FUNARI, P. P. A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. **Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 6, n. 2**, p. 35-41, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo, **Os Avanços da Arqueologia histórica no Brasil, um Balanço**. Em [www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq13.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia/arq13.shtml) em 05 de junho de 2006 as 16h e 30 min.
- LIMA, Tânia Andrade. Os Marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. In: **Estudos Ibero-Americanos. V. XXVIII, n2**. Porto Alegre: PUCRS. 2003.
- LIMA, Tânia Andrade Arqueologia Histórica no Brasil: balanço Bibliográfico (1960-1991). in: **Anais do Museu Paulista História e Cultura Material. Nova Série n.1 1993**. São Paulo: USP 1993.
- ORSER, Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica**. Buenos Aires. Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología. 2000.